

CONDIÇÃO JUVENIL E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS: INTERFACES DOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS DE 1968 (PARIS E SÃO PAULO) E DA FFC UNESP CAMPUS DE MARÍLIA EM 2006. Rodrigo Alves da Silva, Ethel Volfzon Kosminsky –Área de Humanas – Sub -área Sociologia (Departamento de Sociologia e Antropologia –Faculdade de Filosofia e Ciências –Campus de Marília).

Para realizarmos esse trabalho que aborda a questão das transformações sociais proferidas e efetivadas pelos estudantes é imprescindível discutirmos sobre a problemática das gerações que nos servirá de guia para compreendermos a estrutura dos movimentos estudantis. Não iremos tratar simplesmente de uma explosão da crise de juventude. Segundo Foracchi, (1972) a crise estudantil é considerada crise social concreta, a qual profere novas reivindicações sociais e culturais. Para ela, os integrantes do movimento estudantil, por ser um grupo social novo expressa contestações “originais” e concretas, esse grupo de jovens é, consciente da sua condição peculiar e que expressa suas necessidades reais, não através de insatisfações subjetivas ou afinidades transitórias com os “oprimidos” mas através de condições objetivas que lhes impõe diante da sociedade em que vivem, um estado de “carências” definidas e de marginalização, estabelecido, entre outras causas, pelo descompasso existente entre o ritmo de desenvolvimento econômico e a ampliação das oportunidades de escolarização.

Com efeito, o movimento estudantil evidencia a crise da sociedade moderna. Anteriormente à modernidade os jovens, apesar de contestarem alguns costumes, ainda comportavam-se como “adultos precoces” e, dessa forma não ocorriam transformações significantes de geração para geração. (Foracchi, 1982).

O fato do jovem não estar socialmente integrado, ou seja, não ser um adulto, o qual porta plenitude de *status* e amplitude de participação e, por conseguinte se identifica com os ideais que a sociedade elabora e sustenta, essa condição proporciona ao jovem apontar novos questionamentos. Entretanto, como afirmou Foracchi (1972), o rompimento se estabelece não no plano da geração como tal, mas o que ela representa.

A juventude para muitos autores é considerada como uma nova classe social e referência quando se trata de conflitos de geração. Segundo Machado Pais, a problemática da condição juvenil analisada por esses autores, também utiliza o conceito de relações intergeracionais na medida da reprodução social, a qual ocorre como reprodução de gênero, de raça, em fim, de classes sociais. Para a corrente classista as culturas juvenis está relacionada com cultura de classes, ou seja, são sempre entendidas como produto de relações antagônicas de classe.

A condição juvenil, segundo (Abramo, 1994), proporciona permissividade atrelada à busca de intensidade, prazer e liberdade e de irreverência em relação às instituições e valores do mundo adulto. Contudo, apesar de no movimento de maio de 1968 tanto em Paris quanto em São Paulo os estudantes proferiam a frase “não confio em ninguém com mais de trinta anos”, delimitando, portanto, a juventude, ou seja, seria considerado jovem o indivíduo que não ultrapassasse a idade de trinta anos. Apesar de terem, de certa maneira, delimitado cronologicamente a juventude esta era constituída tanto diretamente como indiretamente por algumas pessoas com mais de trinta anos de idade.

Portanto, o conceito de juventude, segundo Foracchi (1972), é representado historicamente e socialmente e que, por sua vez, se origina da crise da sociedade. Essa crise proporciona um comportamento de ruptura, por conseguinte, a potencialidade que se encontra no jovem é a expressão da dimensão irrealizada pela sociedade; é a possibilidade de se obter a recusa radical tornando-a potencialidade de transformação. Segundo Mannheim, os jovens, como uma nova geração, são importantes pelo fato de proporcionarem uma “seleção original”, ou seja, o jovem propõe o esquecimento do que já não é mais útil para a sociedade como, também almeja o que ainda não foi conquistado. (Foracchi 1982).

Os jovens brasileiros assim como os franceses no ano de 1968 preconizavam idéias para construir um habitat humano, as quais se opunham de maneira radical à sociedade capitalista. Essa postura fez com que Herbert Marcuse apontasse o movimento estudantil como força transformadora da sociedade, já que o proletário almejava atingir o *status quo*, ou seja, restringiu suas perspectivas à melhoria da sua própria situação de operariado e, por conseguinte abandonou a negação radical do capitalismo. Para esse autor, a

nova oposição do sistema não constituía uma classe, mas ao seu ver suas características são peculiares, pois é composta por intelectuais, grupos do movimento pelos direitos civis e da juventude, principalmente por elementos radicais da juventude, entre outros grupos que representam as minorias. As organizações estudantis, para Marcuse, têm o intento de impedir o desenvolvimento de um regime de força, sendo assim propícia-se espaço para uma explicação alternativa de construção de um mundo novo, arraigada no “espírito revolucionário” de 1968, o qual inova a racionalidade (Ribeiro, 2003).

Com efeito, para que haja essa construção de um outro mundo que, se diferencia da lógica de pensamento conservador é necessário que os jovens reconheçam a crise de mudança que abala o sistema, segundo Foracchi, (1972) essa seria a etapa inicial que condicionaria a possibilidade de transformação social.

Segundo Helena Abramo (1994), a juventude tem a percepção de crise de mudança, ou melhor, a reconhece no modo de vida industrial burguês a qual abala o sistema com a sua mecanização, padronização, hipocrisia e ausência de sentido. Como forma de recusa desse sistema, jovens da década de sessenta tentaram construir um modo de vida excêntrico repercutindo na boemia, no Jazz, nos movimentos beat, hippie, estudantil e políticos entre outros.

O intento desta pesquisa, portanto se estabelece em analisar o desenvolvimento histórico e social da condição juvenil, utilizando como base a análise bibliográfica de livros e artigos para averiguar os conflitos entre os jovens e a sociedade representada pela geração adulta. Em relação ao movimento estudantil da FFC Unesp –Campus de Marília será realizada uma abordagem empírica, utilizaremos, além de questionários, entrevistas com os estudantes que integram o movimento estudantil, Por conseguinte, poderemos verificar de forma comparativa se a condição juvenil desse movimento pode ser considerada como foco de propostas de transformações sociais.

Referência Bibliográfica:

Abramo, Helena Wendel. Cenas juvenis: Punks e Darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta; Anpocs, 1994.

Berger, Peter. Perspectivas Sociológicas. Uma visão humanística. Petrópolis –RJ: Vozes, 1972.

Eisenstadt, S. N. De geração a geração. São Paulo: Perspectiva S. A, 1976.

Eisenstadt, S. N. Modernização: Protesto e mudança. Modernização de sociedades tradicionais. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1969.

Ferry, Luc e Renaut, Alain. Pensamento 68: Ensaio sobre o anti - humanismo contemporâneo. São Paulo: Ensaio, 1988.

Foracchi, Marialice Mencarini. A juventude na sociedade moderna. São Paulo, Pioneira, 1972.

Foracchi, Marialice Mencarini. A participação social dos excluídos. São Paulo: Hucitec , 1982.

Jameson, Frederic. Pós -modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

Maffesoli, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2002.

Matos, Olgária C. F. Paris 1968: as barricadas do desejo. São Paulo: Nobel, 1988.

Pais, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

Pilagalo, Oscar. O Brasil em sobressalto. São Paulo: Publifolha, 2002.

Pontes, José A Vidigal; Carneiro, M. Lúcia. Da revolta dos esrudantes ao fim das liberdades democráticas: 1968: do sonho ao pesadelo. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1968.

Roszak, Theodore. Para uma contracultura. Lisboa: Dom Quixote, 1971.

Santos, Maria Cecília Loschiavo. Maria Antônia uma rua na contramão. São Paulo, Nobel, 1988.

Thompson, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis -RJ: Vozes, 1995.

Ventura, Zuenir. 1968 o ano que não terminou: a aventura de uma geração. Rio de janeiro, Nova fronteira, 1988.

Vieira, Maria Alice; Garcia, Marco Aurélio (org.). Rebeldes e Contestadores: 1968: Brasil, França e Alemanha. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.